

Relatório da missão oficial Brasil Estados Unidos

2013

Iniciativa: Frente Parlamentar Pró-Gás Natural em articulação com o Fórum das Associações Empresariais Pró-Desenvolvimento do Mercado de Gás Natural.

Organização técnica, logística e articulação institucional: Embaixada Brasileira, em Washington, e Ministério de Relações Exteriores, em Brasília.

Coordenador: deputado Antônio Carlos Mendes Thame (PSDB/SP), em parceria com o deputado Jaime Martins.

Membros do Fórum na missão: Reginaldo Medeiros, Abraceel; Benjamin Ferreira Neto e Luiz Fernando Quilici, Aspacer; Ricardo de Azambuja Pinto, Abrace; Lucien Belmonte, Abividro; Pedro Massena Mello, Abiape/Renova; Marcos Gurgel, Anace/Renova; Sérgio da Luz, Apine/Cemig.

Participação Especial: Governo do Estado do Paraná, representado pelo secretário de representação do Paraná, Amauri Escudero Martins; presidente da Compagás, ex-deputado Luciano Pizzato; e Clóvis Ledur, prefeito da Cidade de São Mateus do Sul (PR).

Participação Petrobrás: A Embaixada Brasileira convidou a Petrobrás América INC que esteve presente, por meio do Sr. Rodrigo Vilanova, LNG, Gas & Power Trading Manager, na quinta e sexta-feira, dias 09 e 10 de maio, em todos os eventos da missão, expressando livremente o ponto de vista da empresa.

Objetivo da missão: Conhecer a experiência americana sobre gás não convencional – shale gás – e avaliar sua aplicação no Brasil.

Período da missão: De 07 a 10 de maio.



Agência Brasil

Relatório da missão oficial Brasil Estados Unidos

2013

Programa cumprido pela missão

Dia 07 de maio – terça-feira:

08h30m-09h30m: Reunião de programação, hotel Dupont Circle. Os membros da missão se apresentaram, conheceram detalhadamente o programa da missão organizado pela Embaixada Brasileira em Washington e descreveram, individualmente, as instituições que representavam e seus objetivos na missão.

10h12m-11h47m: Reunião com a American National Gas Alliance (Anga), associação de classe do setor privado dos Estados Unidos que representa os exploradores e produtores de gás natural.



12h07m-14h14m - Almoço de trabalho, com a presença do grupo no “Brazil on the Hill series” sobre energia. O evento foi organizado pela “Brazil Industries Coalition” e contou com a participação de parlamentares norte-americanos, assessores do Congresso e representantes do setor privado. O “Brazil on the Hill” discute temas específicos da pauta bilateral Brasil-Estados Unidos relacionados ao Congresso Americano. Atualmente, a energia é um dos principais itens nos entendimentos entre os dois países.

15h12m-16h06m – Encontro no Comitê de Energia e Comércio da Câmara dos Deputados dos EUA com o deputado Devin Nunes, influente congressista americano, ligado às questões brasileiras e ao gás do xisto. Participou da reunião o Sr. Charles Boustany, principal assessor parlamentar americano ligado ao segmento de gás, mencionado pelos parlamentares como autor intelectual de várias leis sobre energia nos EUA.



Continua...

Relatório da missão oficial Brasil Estados Unidos

2013

Programa cumprido pela missão

Dia 08 de maio – quarta-feira:

11h03-12h37m - Reunião sobre gás de xisto (“shale gas”) com o “think tank” Center for Strategic and International Studies (Csis), entidade que recentemente publicou o documento “Realizing the Potential of U.S. Unconventional Natural Gas”.



15h14m- Reunião técnica sobre gás de xisto com o governo americano, participando representantes dos Departamentos de Energia (correspondente ao MME), de Estado (correspondente ao Itamaraty) e Interior (equivalente ao Ministério da Justiça), além da Agência de Proteção Ambiental (EPA). Na ocasião, ficou claro para os brasileiros que na administração Obama a questão energética – em particular o “fracking” e suas implicações-- tomou uma dimensão tão abrangente que o próprio Departamento de Estado (Ministério das Relações Exteriores dos Estados Unidos) passou a coordenar a política energética americana.



19h03m-21h19m - Recepção à delegação na residência do embaixador do Brasil, em Washington, com participação de todo o staff da embaixada, membros da missão oficial e quase todos os interlocutores americanos da missão.

Dia 09 de maio – quinta-feira:

Viagem à Pittsburgh, onde ocorreu a seguinte programação:

11 horas - Encontro com representantes da empresa Range Resources e do escritório de advocacia K&L Gates, no Hotel Hyatt.

De 12h37m-15h06m - Visita ao campo de exploração e produção de “shale gas” da Range Resources. Só este campo produz o equivalente a todo o consumo da cidade de São Paulo. A missão brasileira ficou impressionada com a aparente simplicidade do processo e a reduzida área em que se produz um volume tão expressivo de gás.

Continua...

Relatório da missão oficial Brasil Estados Unidos

2013

Programa cumprido pela missão

Dia 09 de maio – quinta-feira

15h38-17h04 - Reunião de trabalho com membros do governo da Pensilvânia, em nome do governador Tom Corbett, com apresentação das ações do Estado da Pensilvânia para atrair empresas estrangeiras, a visão do governo estadual sobre o “shale gas”, relato das parcerias da Pensilvânia com o Brasil, inclusive descrição da visita recente do Governador ao Rio de Janeiro. Apresentação da empresa K&L Gates sobre aspectos ambientais e regulatórios relacionados com a exploração de “shale gas”. Na sequência, apresentação do Departamento de Desenvolvimento Econômico e Comunidades do Estado da Pensilvânia, tendo como tema as oportunidades de investimentos e programas de incentivos econômicos. Houve uma sessão de esclarecimentos sobre diversos aspectos referentes aos temas apresentados, com ênfase na caracterização as atividades relacionadas à exploração do “shale gas” como mineral ou como indústria do gás e petróleo.



17h15m - Coquetel oferecido pela empresa K&L Gates em homenagem à missão oficial brasileira.

Dia 10 - sexta-feira

11h-07m12h48m - Encontro/aula do professor Francisco González, da renomada John Hopkins University, na “School of Advanced International Studies”, em Washington.



Continua...

Relatório da missão oficial Brasil Estados Unidos

2013

Programa cumprido pela missão

Dia 10 - sexta-feira

14h37m - Encontro com assessores parlamentares do Comitê de Energia da Câmara dos Deputados dos EUA.

21h - Jantar de despedida dos membros da missão oficial do gás.

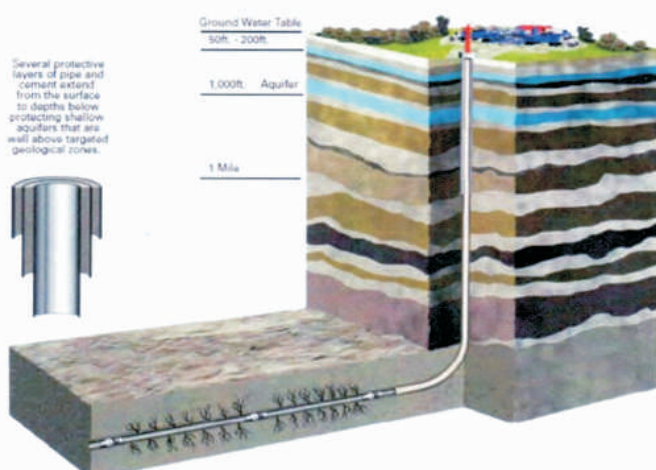


Sumário da missão

A principal constatação do grupo, formado por 14 pessoas entre parlamentares, empresários, representantes de governos estaduais e associações empresariais, é que o “boom” vivido pela indústria de gás de xisto americana é muito maior que o noticiado pela imprensa brasileira. O novo gás trará repercussões profundas na organização econômica e política da economia mundial, afetando substancialmente a competitividade entre empresas e países, notadamente entre os grandes consumidores de energia. Detentor da nona maior reserva mundial, o Brasil está muito atrasado na verdadeira corrida mundial pela exploração comercial do gás do xisto. O principal entrave ao desenvolvimento do gás é a organização incipiente do nosso mercado, situação que o Fórum e a Frente pretendem alterar. O conjunto de argumentos apresentados pelos diversos interlocutores da missão sobre as questões ambientais envolvendo a produção do gás do xisto, sugere que há uma posição muito favorável à indústria do gás nos EUA, cotejando os impactos ambientais do gás frente aos outros energéticos e os benefícios que traz à economia americana na geração de emprego e renda e ampliação da competitividade.

Não sem motivo, nos últimos dez anos, os EUA se tornaram líderes mundiais na produção de gás de xisto. Graças a técnicas inovadoras de extração introduzidas, o gás natural preso em formações de xisto hoje proporciona uma oferta cada vez maior de energia ao país. A perfuração é feita verticalmente no subsolo até alcançar as formações de xisto. A partir daí, a instalação de perfuração faz um ângulo de 90° e prossegue de forma horizontal pela jazida de rocha. Em seguida, os túneis escavados pela perfuração são inundados com água, areia e produtos químicos que rompem a rocha e forçam o gás a vazar — um processo conhecido como fraturamento hidráulico “fracking”, com perfuração horizontal, para recuperação de gás de xisto. A estrutura é protegida por três camadas de concreto visando evitar a contaminação de lençóis freáticos e aquíferos.

Hydraulic Fracturing



Continua...

Relatório da missão oficial Brasil Estados Unidos

2013

Sumário da missão

A técnica permitiu que as empresas americanas deflagrassem uma revolução no segmento de gás de xisto e no setor energético mundial. A produção americana desse gás passou de praticamente zero, em 2000, para um nível em que contribui com 25% do gás natural dos EUA. Em 2035, a EIA Annual Energy Outlook prevê que o gás deverá chegar à metade do total de gás natural no país. Em 2030 os EUA, responsáveis por 25% do consumo mundial de energia, serão auto-suficientes em energia. O novo gás trará repercussões profundas na organização econômica e política da economia mundial, afetando substancialmente a competitividade entre empresas e países, notadamente entre os grandes consumidores de energia.

Os números da indústria do gás de xisto nos EUA e suas repercussões na economia americana são impressionantes: 20 mil poços perfurados; custo projetado de produção de energia elétrica em novas plantas a gás natural do ciclo combinado que entrarão em 2017, com 87% de fator de capacidade = US\$ 65,86 por MWh; preço do gás em US\$ por MMBtu: 2010 = US\$ 4,20, projetado em 2035 = US\$ 6,00. A indústria de gás do xisto empregou 600 mil pessoas, em 2010; a economia da Pensilvânia (estado que saiu na frente na corrida) cresceu três vezes mais que a economia americana no ano passado.

Do no da segunda maior reserva do mundo (depois da China), de acordo com a Administração de Informações sobre Energia (EIA), os EUA, de repente, detêm uma nova e vasta fonte de energia que poderia ajudar o país a diminuir sua dependência do petróleo estrangeiro. Equivalente a 100 anos do seu consumo atual. O ponto forte do gás de xisto é sua contribuição para a independência energética dos EUA. Trata-se de uma mudança drástica de paradigma pois o gás de xisto tem permitido aos EUA reduzir nos últimos anos sua emissão de CO₂ na atmosfera. Entre 2007 e 2012, a redução foi de 12%, com o mesmo nível de atividade econômica, devido ao aumento da geração elétrica à gás em 37% e redução da geração à carvão em 25%. Em 2035, os EUA passarão de importadores líquidos de energia para exportadores – o que já altera hoje substancialmente a geopolítica mundial, na medida em que os EUA estão reavaliando suas estratégias militares.

Entre as vantagens apontadas pelo novo gás, está a sua produção mais perto do mercado, em lugares como a formação de xisto Marcellus nos estados de Nova York, Pensilvânia e estados vizinhos. O rápido desenvolvimento foi facilitado, entre outros fatores, pela pré-existência de vasta rede de gás que permitiu escoar a molécula da produção ao consumo, organizando verdadeiramente um mercado.

2017 Expected Costs

Levelized Cost of New Generating Technologies – Entering Service in 2017

Plant Type	Capacity Factor (%)	Total System Levelized Cost (¢ per KWH)
Natural Gas – Combined Cycle	87	6.55
Natural Gas – Conventional	87	6.86
Natural Gas – Combined Cycle with CCS	87	9.28
Coal – Conventional	85	9.96
Coal – Advanced	85	11.22
Coal – Advanced with CCS	85	14.07
Wind – Onshore	34	9.68
Wind – Offshore	27	33.06
Solar – PV	25	15.69
Solar – Thermal	20	25.10
Biomass	83	12.02
Nuclear	90	11.27

Source: Institute for Energy Research, using data from EIA Annual Energy Outlook 2012.
All ¢/KWH in 2010 dollars.

anga
America's
Natural Gas
Alliance

Continua...

Relatório da missão oficial Brasil Estados Unidos

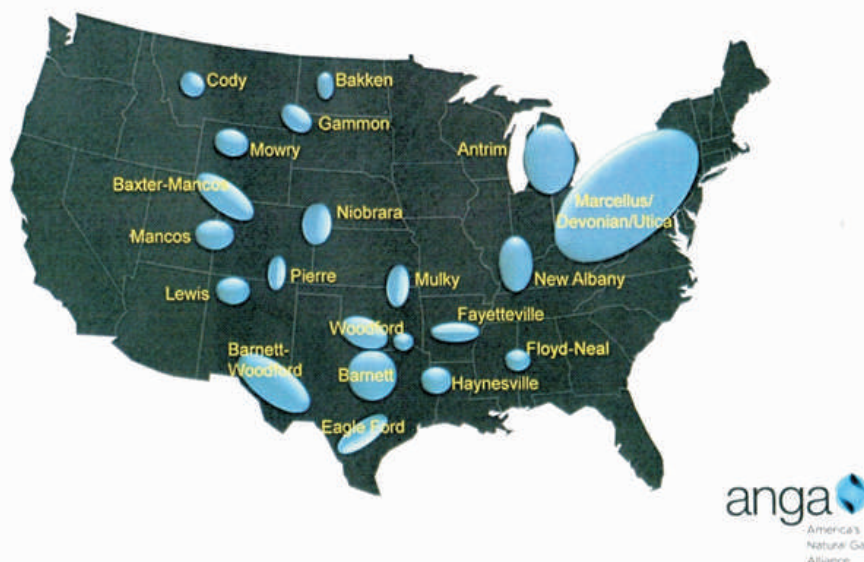
2013

Sumário da missão

Os principais operadores estão se retirando dos campos mais maduros de gás de xisto, como o Barnett, no Texas, e o Haynesville, no Arkansas, na Louisiana e no Texas, e os estão trocando por campos mais novos com potencial de produção de gás e de petróleo — como o campo de Utica, em Ohio, e Bone Spring, no Texas e no Novo México. Esta é a segunda revolução do gás do xisto, a técnica da perfuração horizontal/"fraking" vem sendo adaptada para também extrair petróleo. Hoje as perspectivas de exploração de gás do xisto e petróleo com uso da nova técnica impactam 48 estados americanos.

Segundo a ANGA, o maior aumento na demanda de gás natural vem da geração de energia elétrica. Muitas usinas passaram do carvão para o gás natural mais barato. O carvão gera hoje apenas 34% da eletricidade consumida nos EUA, enquanto que, em 2005, esse percentual era de 50%. Planeja-se substituir mais geradores por outros movidos a gás natural.

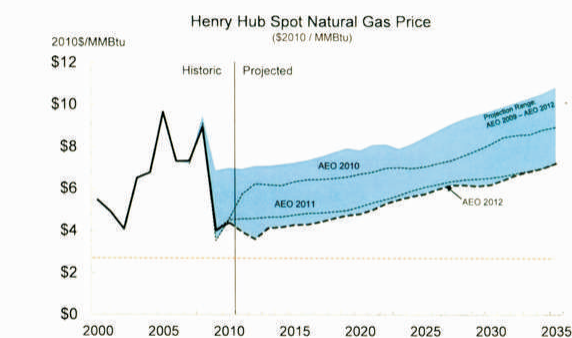
The Shale Gas Revolution



Tudo isso tem permitido que muitos fabricantes de produtos químicos deixem de usar o petróleo e passem a usar o gás natural na produção de derivados. Grandes empresas estão investindo mais de US\$ 15 bilhões em capital para modernizar as instalações existentes e construir novas instalações nos EUA devido à abundância de gás natural. Segundo a ANGA, é possível assinar hoje um contrato firme de suprimento de gás para os próximos 10 anos ao preço de US\$ 6 por MMBtu.

Com tanto gás barato, estuda-se novos usos para o produto. Uma das alternativas é a utilização em larga escala do gás veicular. A maior parte dos veículos americanos movidos a gás é constituída por caminhões e ônibus. Com apenas 1.200 postos de gás natural em todo o país, frente aos 160.000 postos de gasolina, o carro da família movido a gás natural ainda é um sonho distante, mas um mercado promissor. Para impulsionar o mercado de carros a

Long-Term Price Stability



Source: EIA Annual Energy Outlook 2012 (Early Release), 2011, 2010, and 2009
Henry Hub Spot prices (EIA reported actual prices included 2000 to 2010)



gás será preciso ampliar o número de postos de abastecimento – um desafio.

Continua...

Relatório da missão oficial Brasil Estados Unidos

2013

Historicamente, os preços do gás nas diversas regiões do mundo têm valores diferentes exclusivamente por causa de fatores tradicionais. Nos EUA, os preços são fixados pela oferta e pela procura, mas na Europa e na Ásia, eles são indexados ao preço do petróleo e a outros índices. Hoje, a revolução do shale gas nos EUA modifica o preço do gás na Europa, conforme afirma a ANGA. Como os preços do gás no exterior são de duas a três vezes mais alto do que os preços nos EUA, as exportações parecem o próximo passo lógico.

Um dos grandes temas em discussão nos EUA é a possibilidade de exportação de gás barato em grande escala e o suprimento do mercado interno x exportação do gás. Países como Austrália, Qatar, Noruega e Canadá já exportam um grande volume de gás ou pensam em ampliar suas exportações. A grande dificuldade para o comércio mundial de gás consiste nos elevados custos envolvidos na construção da viabilização da infraestrutura necessária. Restrições de porto, navios e terminais adaptados são o grande desafio a superar para que o gás transforme-se verdadeiramente num produto de fácil fluxo comercial.

No momento, há 18 pedidos de exportação sendo analisados mas, aparentemente, o gás será destinado prioritariamente ao mercado doméstico americano. Há vários grupos de pressão atuando no tema. As indústrias querem impedir a exportação do gás para dispor de um insumo barato no mercado doméstico americano. Os produtores querem exportar o gás para maximizar os seus ganhos. Vários países que tem grandes reservas de gás atuam abertamente para impedir a exportação de gás pelas empresas americanas.

Na visão do governo da Pensilvânia não há como impedir o desenvolvimento do comércio do produto, mesmo que dependa de licenças de exportação do governo federal. Sobre o interesse de produtores americanos em investir em outros países difundindo a tecnologia do “fracking”, aparentemente, no momento, face ao enorme potencial nos EUA, não tem interesse em investir o capital próprio na exploração em outros países. Considera-se também que nos mercados em desenvolvimento há elevados custos regulatórios envolvidos e são cobrados pesados

royalties e participações. Investirão se tiverem clareza e coerência no marcos regulatório e, principalmente, se os países tiverem tradição em respeito aos contratos firmados.

Parece que prevalece a posição de grupos de pressão americanos ligados à indústria. Eles opõem-se às exportações em larga escala visto que desejam manter o gás no mercado interno para que os EUA se tornem independentes no setor de energia, fortalecendo internamente a sua economia. Algumas opiniões relatadas no transcurso da missão sugerem que os EUA deverão se tornar um exportador, jamais um exportador de grande porte, devido ao custo de transporte do gás natural para os mercados externos.

Tudo dependerá de como será desenvolvida a infraestrutura. Hesita-se nos EUA em investir na implantação de terminais de exportação de gás natural liquefeito (GNL), cujo desenvolvimento leva vários anos, porque teme-se que a China, Austrália e outros países desenvolvam uma produção própria de gás de xisto e derrubem o valor dos investimentos. Sobre a China, maior detentor de reservas, os americanos não têm visão clara de como está o desenvolvimento dos seus campos e tampouco se haverá um processo de transferência tecnológica para aquele país. É a grande dúvida dos americanos.

A China parece muito engajada com o desenvolvimento de energias alternativas. Um dos grandes temas em discussão nos EUA é a possibilidade de exportação de gás barato em grande escala e o suprimento do mercado interno x exportação do gás. Países como Austrália, Qatar, Noruega e Canadá já exportam um grande volume de gás ou pensam em ampliar suas exportações. Embora a indústria de gás natural liquefeito possa dar um impulso à economia americana e à independência do país do petróleo externo, os defensores do meio ambiente estão preocupados com seu impacto ambiental. As queixas de contaminação dos lençóis subterrâneos e aquíferos estão tomando agora o caminho dos tribunais. Grupos contrários à técnica do “fracking” temem que a atividade possa provocar terremotos.

Continua...

Relatório da missão oficial Brasil Estados Unidos

2013

A Academia não vê fundamento científico na tese. Com relação às emissões de gás, parece que a opinião predominante sustenta que contribui para a redução de Co2 na atmosfera. Adicionalmente, a queima do gás natural é mais pura do que a do carbono, mas não o suficiente para que não haja impacto ambiental. A informação que os ambientalistas tentam difundir é que o gás de xisto, abundante e barato, pode apressar o aquecimento global.

O utra grande preocupação dos ambientalistas é sobre o impacto do gás de xisto no nascente setor de energia alternativa. A quantidade de carbono que o gás natural produz é muito melhor do que a produzida pelo carvão, mas não se compara à energia eólica ou solar. O gás de xisto é tão-somente uma tecnologia intermediária, e não uma tecnologia sustentável na visão dos ambientalistas. O professor Francisco González, da Universidade John Hopkins, acha que o principal risco no momento é que um grande acidente ambiental na produção de gás de xisto – o que ainda não ocorreu – possa ampliar as exigências e aumentar os custos de produção. Há uma grande

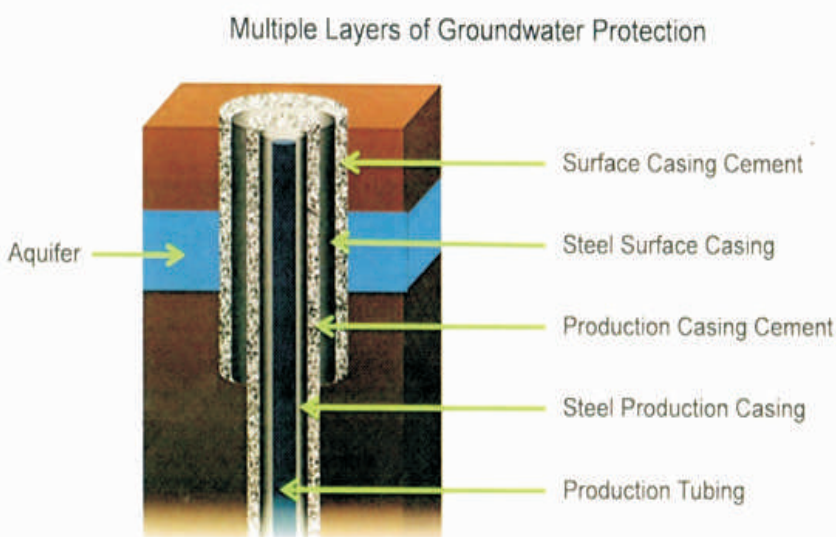
preocupação da indústria em difundir as melhores práticas para evitar acidentes. Atualmente, a técnica evoluiu e os aquíferos são isolados da estrutura de produção por três camadas de cimento, o que impede, na visão da indústria, qualquer contaminação com a água existente no subsolo. Sobre a crítica de uso intenso de água no processo de produção, a indústria americana do gás não convencional argumenta que, atualmente, 90% da água é tratada e recuperada.

P or enquanto, a revolução do gás de xisto nos EUA continua a ganhar terreno e já conquista uma posição mais sustentável, reforçando o cenário da energia barata e melhorando a economia dos EUA por tabela.

Em síntese, na visão dos interlocutores americanos sobre a revolução do “fracking”, cuja parte mais visível no momento é o gás de xisto, o setor energético vive a mesma revolução que os smartphones provocaram no universo das comunicações. A tecnologia de extração (fraturamento hidráulico, com perfuração horizontal para recuperação do gás de xisto) emergiu rapidamente e tem proporcionado preços muito baixos no mercado, difundindo a técnica num curto espaço de tempo -- entre a descoberta de uma jazida e sua exploração pode ocorrer em apenas três meses. Isto já provoca imensas repercussões mundiais.

Continua...

Safety At The Surface



anga
America's
Natural Gas
Alliance

Relatório da missão oficial Brasil Estados Unidos

2013

Aplicação do shale gas no Brasil

Um dos principais questionamentos dos membros da delegação brasileira nos encontros com as instituições visitadas procurava extrair elementos sobre em que grau a experiência americana poderia se reproduzir no Brasil. Três encontros podem fornecer algumas respostas.

Visita à John Hopkins – o rápido sucesso do shale gás nos EUA se deve:

- ✓ Ao elevado preço do gás nos EUA, entre 2004/2007, que impulsionou/viabilizou a utilização de novas tecnologias;
- ✓ Ao rápido desenvolvimento e difusão da tecnologia de perfuração horizontal e do “fracking” por meio de pequenas empresas;
- ✓ Propriedade privada do sub-solo nos EUA, sem exigência de leilões públicos como em outros países;
- ✓ Baixa taxa de imposto da indústria do “shale gas” pelo governo americano e pelos governos dos estados onde se encontram as jazidas;
- ✓ Amplo acesso a financiamento a taxas muito baixas e a existência de muitas modalidades de investimento;
- ✓ Baixo custo de perfuração;
- ✓ Existência de vasta rede de gasodutos previamente disponíveis;
- ✓ Os impactos ambientais hoje são controlados. Entretanto, a indústria deve se esforçar para desenvolver as melhores práticas de segurança nas instalações frente para evitar impactos ambientais, visto que um acidente grave em uma das instalações pode prejudicar toda a indústria nascente.

Center for Strategic & International Studies

- ✓ O potencial disponível de gás não convencional nos EUA e no mundo é enorme. Entretanto, a indústria e as autoridades reguladoras estão vivendo apenas a primeira onda de exploração e aprendendo lições de como maximizar o valor da exploração do recurso.
- ✓ A rápida viabilidade do gás do xisto promove crescimento econômico, cria empregos diretos e indiretos, reduz os preços dos energéticos e permite aos EUA retomar a competitividade da sua economia. O baixo preço do gás natural traz significativos impactos positivos em setores econômicos dependentes de energia barata.
- ✓ O custo da gestão de risco ambiental pela atividade econômica é suportável atualmente. Entretanto, este processo é contínuo no longo prazo. Os empreendedores devem buscar as melhores práticas industriais para evitar a exploração perto de áreas de forte concentração populacional, fontes locais de suprimento de água, contaminação de aquíferos, gestão de emissão de produtos químicos etc.
- ✓ Políticas ambientais, exportações e novos consumos domésticos podem impulsionar a demanda por gás natural. Isto pode trazer estabilidade ao desenvolvimento do mercado de gás no longo prazo.
- ✓ O desenvolvimento tecnológico de novos usos e da própria produção é a chave para a gestão de risco ambiental do segmento de gás natural e o atendimento da demanda.
- ✓ Um ponto crítico para aceitação do gás não convencional é a aceitação pública da nova tecnologia. O domínio sobre a gestão de risco ambiental deve ser intensificada pela indústria de gás não convencional.

Visão Governamental – Governo Federal e Estado da Pensilvânia

O Departamento de Estado está envolvido com a questão energética na administração Obama tendo em vista suas implicações com quase todas as esferas governamentais e os potenciais conflitos com as diferentes regulações nos estados. O preço baixo do gás tem profundas implicações na economia americana e na sua própria política externa. A intenção do Governo Obama é promover o intercâmbio da nova tecnologia com demais países “amigos”. A revolução do gás pressupõe uma visão integrada de todos os seus impactos por parte do governo. Na visão do governo Obama, o gás do xisto é o energético da transição da era do petróleo para a era das renováveis. Esta é uma política de governo central e de muitos governos dos estados onde estão localizados os potenciais de exploração.

Continua...

Relatório da missão oficial Brasil Estados Unidos

2013

Contatos dos participantes da missão:

Washington, 7 a 11 de maio de 2013

- ✓ Antônio Carlos Mendes Thame – Deputado Federal (PSDB/SP)- Presidente do Grupo Parlamentar de Amizade Brasil-EUA. E-mail: thame45@terra.com.br
- ✓ Jaime Martins – Deputado Federal (PR/MG). E-mail: jaimemartins@jaimemartins.com.br
- ✓ Amauri Escudero – Secretário de Estado do Paraná (Escritório de Representação em Brasília). E-mail: amauriescudero@gmail.com
- ✓ Clóvis Ledur – Prefeito de São Mateus do Sul (Paraná). E-mail: clovisledur@hotmail.com
- ✓ Luciano Pizzatto – Ex-Deputado Federal e Diretor-Presidente da Companhia Paranaense de Gás (COMPAGÁS). E-mail: lucianopizzatto@uol.com.br
- ✓ Luís Fernando Quilici – Associação Paulista das Cerâmicas de Revestimento (ASPACER). E-mail: luisquilici@aspacer.com.br
- ✓ Benjamin Ferreira Neto - Associação Paulista das Cerâmicas de Revestimento (ASPACER) . E-mail: aspacer@aspacer.com.br
- ✓ Reginaldo Medeiros – Associação Brasileira de Comercializadores de Energia (ABRACEEL). E-mail: reginaldo@abraceel.com.br
- ✓ Ricardo de Azambuja Pinto - Associação Brasileira de Grandes Consumidores Industriais de Energia e de Consumidores Livres (ABRACE). E-mail: ricardo.pinto@abrace.org.br
- ✓ Lucien Belmonte - Associação Técnica Brasileira das Indústrias Automáticas de Vidro (ABIVIDROS). E-mail: lucien@abividro.org.br
- ✓ Sérgio da Luz Moreira- Associação Brasileira dos Produtores Independentes de Energia Elétrica (APINE): E-mail: smoreira@cemig.com.br
- ✓ Pedro Massena Mello – Associação Brasileira dos Investidores em Autoprodução de Energia (ABIAPE). E-mail: pedro@casadegestao.com.br
- ✓ Marcos Fernandes – Associação Nacional dos Consumidores de Energia (ANACE). E-mail: marcos.fernandes@casadegestao.com.br
- ✓ Rodrigo Vilanova – Petrobrás America INC. E-mail: rodvila@petrobras.com.br

Acompanharam em Washington:

- ✓ Eduardo Maragna Guimarães Lessa – Segundo-Secretário – Embaixada do Brasil nos EUA. E-mail: emaragna@gmail.com
- ✓ Paulo de Melo Ming Azevedo – Terceiro-Secretário – Ministério das Relações Exteriores (AFEPA). E-mail: paulo.ming@itamaraty.gov.br
- ✓ Célia Feldspauch – Diretora do 'Brazil Industries Coalition' (BIC). E-mail: celia@bic-us.org